

## paulo resende, uma nota do nu-sol

Paulo-Edgar de Almeida Resende, assim mesmo com hífen, era uma pessoa generosa e presente na PUC-SP.

O Paulo tinha mãos lindas e um sorriso largo e bonito. Assistir às suas aulas era um exercício simultâneo de estarmos atentos ao que ele dizia e ao que suas mãos expunham.

Para certos estudantes de graduação em Ciências Sociais na PUC-SP, a primeira aproximação com Paulo Resende foi com as palavras de *Proudhon*<sup>1</sup>, livro organizado por ele e Edson Passetti, na década de 1980. Pierre-Joseph Proudhon e a disciplina de Política III empolgavam, nos corredores do chamado Prédio Velho, revoltas que não se dissociavam de análises finas. Os estudantes interessados em seguir adiante com pesquisas corajosas, encontravam Paulo Resende e o seu bom humor em cursos da pós-graduação. E ali, a sua presença, as aulas e caminhadas ao seu lado, reiteravam o amálgama de contundência e elegância.

Corria o ano de 1992. Um dia, Paulo Resende desceu a rampa da PUC-SP e parou tudo! Os estudantes não se continham com o novo visual do professor. Os cabelos outrora grisalhos estavam acaju. Aos gritos, Paulo Resende foi ovacionado com um sonoro “Paulo Caju”! Nem ligou,

sorria se divertindo. O apelido pegou. Em sala de aula, com sua voz firme de timbre marcante, contou o porquê da tintura. À época, ao levar seus filhos pequenos para escola, sempre alguém perguntava se ele era o avô das crianças. Não gostava dessa situação. Então, resolveu tingir o cabelo para acabar com a zombaria.

Estava sempre atento a ouvir e ampliar o tema e/ou problema de um estudante-pesquisador que se dispunha a conversar com ele. Era um homem sensível aos infortúnios e percalços dos estudantes. Junto com a Profa. Teresinha Bernardo, na vice-reitoria, nunca se curvou. Incentivavam o estudo, a pesquisa e, para tanto, sabiam da importância de uma bolsa de estudo.

Suas palavras robustas não eram restritas à sala de aula, mas faziam parte de seu jeito de conversar, fazer uma breve observação contundente, ou mesmo contar uma piada. E podia ser ainda curto e direto para encerrar uma discussão, ou uma exposição, quando, em suas palavras, concluía: “ponto”.

Exercitava uma erudição rara e admirável sem afetação ou reivindicação de autoridade pela propriedade do conhecimento. Lançava mão, em aulas e conversas de corredor, do latim ao francês, passando por um específico domínio de autores italianos da Renascença, não para exibir acúmulo de informação, mas para buscar uma outra forma (não necessariamente a melhor ou a mais justa) de lidar com uma questão ou problema de pesquisa. Mestiçava conhecimentos sem fazer tábula rasa, ou colocar tudo num mesmo plano de equivalência. Sua noção de *mestiçagem*<sup>2</sup> era singular e de singularíssima pessoa.

paulo resende, uma nota do nu-sol

Ele dedicava uma atenção redobrada a cada um de nós do nu-sol em pequenos detalhes, desde que éramos garotos e garotas ainda na graduação. Sua presença nos acompanhava desde um pastel com caldo de cana perto da PUC-SP, passando por seu interesse sincero em cada um de nós, nossas inquietações, nossas pesquisas, desde a iniciação científica, que ele acompanhava de perto e abertamente, mesmo na condição de parecerista.

O Paulo gostava da gente sem rodeios e sem disfarces.

Ele era capaz de ser exigente em relação à nossa formação e produção intelectual, sem se descuidar da delicadeza imprescindível com cada um de nós, diante de múltiplas situações que atravessamos. E tinha uma disposição sincera em ser generoso das formas mais inusitadas, e, ao mesmo tempo, de modo direto e simples sem se perder em trâmites burocráticos.

Os conceitos, as palavras e a vida na universidade para ele eram vivos, de carne e osso.

Desde o início do nu-sol, Paulo nos apoiou e nos fortaleceu. Esteve presente em nossas publicações, encontros, conversações, antiprogramas na TVPUC, em bancas de titulações e concursos, em conversas saborosas sobre nosso dia a dia na universidade e na existência. E ele, como poucos, estava sempre atento à nossa saúde.

Quando atuou como dentista ficou estarrecido em atender inúmeras pessoas desdentadas, banguelas ou quase banguelas. Era assim que a miséria assolava e assola o Brasil. Pela boca!

*Mistura* é como popularmente se chama o complemento essencial a qualquer refeição, o que dá sabor e sustança

a uma parte da comida. Pois Paulo Resende foi um professor da mistura que mestiçava com todo cuidado para não entornar e/ou azedar o caldo.

Há uma palavra para saudade em latim?

*nu-sol, novembro de 2021.*

## Notas

<sup>1</sup> Paulo-Edgar A. Resende & Edson Passetti (orgs.). *Proudhon*. São Paulo, ed. Ática, 1986.

<sup>2</sup> Sobre mestiçagem ver: Paulo-Edgar A. Resende. “em torno da intolerância nas relações internacionais” in Edson Passetti & Salete Oliveira (orgs.). *A tolerância e o intempestivo*. Cotia-SP, Ateliê editorial, 2005, pp. 105-118.; Paulo-Edgar A. Resende. “Comunicação e mestiçagem” in Landislau Dowbor; Octavio Ianni et al., *Desafios da comunicação*, Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 155-165.

*Paulo Resende, a note from nu-sol.*